

LIÇÃO 1 - NO MUNDO TEREIS AFLIÇÕES

Subsídio elaborado por Inacio de Carvalho Neto. E-mail do autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Texto da leitura bíblica em classe:

20 Na verdade, na verdade vos digo que vós chorastes e vos lamentareis, e o mundo se alegrará, e vós estareis tristes; mas a vossa tristeza se converterá em alegria.

- Iniciamos aqui um novo trimestre, com um novo tema que, de certo modo, é uma continuação do estudo do primeiro trimestre, no qual refutamos a teoria da prosperidade. O tema das aflições do justo é bastante apropriado e necessário, nos dias atuais, em que se tem vendido um evangelho fácil, cheio de comodidades, em que Deus aparece como um servo dos crentes apenas para lhes prover as necessidades. É mais do que hora de deixarmos bem claro para todos os cristão que aqui não é o lugar de gozarmos bonança e que é perfeitamente normal que passemos por aflições neste mundo.

- Foi, por isso, bem própria a escolha do subtítulo da revista deste trimestre, baseado no texto de Sl. 34. 19: "Muitas são as aflições do justo". Convém notar que o salmo é um cântico de Davi após ter passado por um dos momentos mais angustiantes de sua vida, quando foi levado a Gate, a terra de Goliás, até a presença do rei Abimeleque, quando teve de se fazer de doido para não morrer. Nessa oportunidade, Davi aprendeu uma lição que lhe seria valiosíssima em todo o restante de sua vida, qual seja, a de que o Senhor nem sempre livra o justo da aflição, mas que se faz companheiro, amigo e protetor na aflição. Por isso, não podemos esperar que a salvação em Cristo Jesus nos livre dos problemas desta vida, nem tampouco das dificuldades, mas que venha a estar conosco para que, em tais situações, sejamos vencedores e instrumentos para a glorificação do nome do Senhor.

- A capa da revista ilustra as armaduras típicas dos soldados romanos, ilustração esta que foi usada por Paulo para figurar a verdadeira batalha espiritual que se trava entre os salvos e as hostes espirituais (Ef. 6.10-18). Essa batalha não é apenas com o diabo e seus anjos, mas inclusive com o mundo, que se encontra no maligno (1Jo. 5.19), e até mesmo com o nosso próprio corpo interior, pois, enquanto não passarmos à eternidade, ainda não estamos livres do "corpo desta morte" (Rm. 7.18-24; Gl. 5.16-17), ou seja, da natureza pecaminosa, da carne, que quer nos fazer pender para a morte.

- Nesta lição introdutória, verificaremos que as aflições são inevitáveis na vida do crente enquanto estiver neste mundo. Nas próximas lições, analisaremos diferentes situações aflitivas. Num primeiro bloco, trataremos de dramas biológicos: a enfermidade (lição 2) e a morte (lição 3). No segundo bloco, trataremos dos dramas sociais: os traumas da violência social (lição 4), as aflições da viuvez (lição 5) e a carência econômica (lição 6). No terceiro bloco, estudaremos os dramas familiares: a divisão espiritual do lar (lição 7) e a rebeldia dos filhos (lição 8). No quarto bloco, veremos os dramas materiais: a angústia das dívidas (lição 9) e a perda dos bens terrenos (lição 10). No quinto bloco, estudaremos os dramas de relacionamento: a inveja (lição 11) e as dores do abandono (lição 12). Por fim, estudaremos a respeito das condições necessárias para a vitória sobre as aflições, ocasião em que aprenderemos sobre a verdadeira motivação do crente (lição 13) e sobre a vida plena nas aflições (lição 14).

- Ainda no Éden, após o pecado do homem, ao proferir sobre ele o Seu juízo e anunciar-lhe a salvação, Deus já deixou claro que poria inimizade entre o homem e a serpente (Gn. 3.15), ou seja, o homem passaria a ser inimigo do diabo e, por conseguinte, inimigo do mundo, já que o mundo está no maligno (1Jo. 5.19). Em consequência, quem é amigo de Deus se torna inimigo do mundo (Tg. 4.4). Por isso o Senhor Jesus disse que nada tinha com o príncipe deste mundo (Jo. 14.30) e, se somos participantes da natureza divina (1Pe. 4.4), igualmente nada temos com ele. Jesus também disse que não veio trazer paz à terra, mas divisão e conflito (Mt. 10.34-36; Lc. 12.49-53). Portanto, a única certeza que temos em nossa vida terrena são as aflições.

- Depois de perceber que os discípulos estavam suficientemente interessados no tema que Jesus vinha tentando lhes expor, tendo eles, inclusive, questionado-Lhe por quatro vezes (Pedro - Jo. 13.36; Tomé - Jo. 14.5; Filipe - Jo. 14.8; Judas - Jo. 14.22), e também questionado entre si (Jo. 16.17-18), Jesus começa então a lhes dar um

esclarecimento, cuja magnitude e certeza são introduzidas pelas palavras "Na verdade, na verdade" (no grego: *Amhm, amhm*).

- Essa expressão prefacia as declarações mais solenes e profundas do Senhor Jesus, falando: 1) da fidelidade da declaração, em sua veracidade; 2) de sua certeza; 3) do fato de ser digno de confiança o que vem a seguir; 4) da solenidade da declaração; 5) do fato conseqüente de que a declaração deve ser recebida com toda atenção pelos ouvintes, porque aquilo que é dito em seguida se reveste de magna importância para eles.

- A palavra *Amhm* significa "verdadeiramente", ou "verdade", ou "verdadeiramente, e assim seja", tendo passado sem tradução do hebraico para o grego e do grego para o português. Em Jo. 1.51, o mesmo termo grego aqui usado (*Amhn*) é empregado duplicadamente, traduzido na ARC por "Em verdade, em verdade". Era uma afirmação irrecorrível e que possuía a força de um decreto proclamado em última instância. Em Is. 65.16, o "Deus da verdade" (ARC) é o "Deus que dirá amém" em outras traduções. Já em 2Co. 1.20, a tradução é Amém, como empregado por João em Ap. 3.14. Aliás, na tradução do padre Antonio Pereira de Figueiredo, este versículo está traduzido como "Isto diz aquele que é a mesma Verdade". No Evangelho de João, a expressão sempre aparece em fórmula dupla, isto, "na verdade, na verdade", enquanto que nos evangelhos sinóticos ela sempre figura no singular. O Senhor Jesus pode ter-se utilizado de ambas as formas, e os quatro evangelistas preservaram a expressão de uma ou de outra forma, o que foi apenas questão de preferência dos próprios autores sagrados.

- O propósito da declaração enigmática que Jesus fizera já fora realizado. A atenção deles fora despertada, e haviam agora dado o primeiro passo em direção ao conhecimento. Inquiriram entre eles mesmos, e essa atitude de indagação é que Cristo leu em seus corações. Agora passava a responder às perguntas dos discípulos. A primeira parte de sua resposta dizia respeito à dificuldade deles sobre as palavras "um pouco" (v. 17 e 18). E no v. 28 Ele lhes responde o pensamento que tiveram sobre a sua ida para o Pai.

- A declaração que os discípulos deveriam receber com a máxima atenção é que grande tristeza recairia sobre eles, expressa através de três vocábulos: "chorareis" (ARA), "vos lamentareis" e "estareis tristes". Trata-se da tristeza e da viuvez da igreja, durante seu presente estado, mas que será transmutada em júbilo, quando da vinda de seu Senhor. É ao mesmo tempo a tristeza da igreja viúva, durante a ausência de seu Senhor, enquanto Ele está nos céus, e o seu transporte por ocasião de sua volta pessoal.

- "Chorareis" (ARA; entendemos que a tradução da versão Almeida Revista e Atualizada no futuro do presente é mais consentânea com o contexto do que a da versão Almeida Revista e Corrigida - "vós chorastes" -, no passado perfeito), do grego *klausetē* (derivado de *klaio*), indica choro em altas vozes; com frequência é o verbo utilizado para indicar o derramamento de lágrimas (Mt. 26.75). Essa é igualmente a palavra usada para descrever a tristeza inconsolável de Raquel, "chorando os seus filhos e não querendo ser consolada" (Mt. 2.18). Quando os apóstolos, portanto, vissem o Senhor Jesus morto, em um túmulo, seriam assaltados por essa profunda forma de tristeza.

- "Lamentareis", do grego *threnesete* (derivado de *threneo*), denota as expressões audíveis da tristeza; originalmente, indicava a declaração de um cântico fúnebre sobre um morto. Assim é que, nos escritos de Homero, encontramos o emprego dessa expressão com este sentido na *Ilíada* (XXIV, 720-722). Igualmente pode-se ver esse emprego do termo na Septuaginta (antiga tradução dos escritos do Velho Testamento para o grego), em Jr. 21.10 e 2Sm. 1.17. O mesmo ocorre no Novo Testamento, em Mt. 11.17 e Lc. 7.32.

- "Estareis tristes", do grego *lupethesesthe* (derivado de *lupeo*), é a expressão de sentido mais geral dentre as três aqui citadas. Expressa qualquer tipo de dor, do corpo ou da alma, tanto como uma manifestação externa de pesar, como também como uma manifestação de pesar íntimo, oculto para os outros.

- Este tempo de tristeza abrange a semana da paixão até a ressurreição de Jesus. Os discípulos ficarão tristes durante este tempo, enquanto o mundo que mata Jesus pensará estar lhe dando um fim e se alegrará. Essas pessoas estão sob a influência e engano de Satanás, com quem juntaram forças. Como Satanás e Judas, e até como os discípulos, essa gente não tem percepção da ressurreição. Jesus está avisando-os e consolando-os com antecedência.

- O "mundo" se refere aos pecadores (todos os grupos étnicos e nacionais, inclusive os judeus). Cuida-se aqui

principalmente dos judeus incrédulos; não somente o povo comum, mas também os principais sacerdotes, juntamente com os escribas e anciãos, que zombaram de Cristo, insultaram-no e triunfaram sobre Ele, quando estava pendurado na cruz, alegrando-se no coração por tê-lo conduzido até ali, pois imaginavam que tudo havia terminado para Ele, que o dia lhes pertencia e que não mais precisavam ficar perturbados por causa de Cristo e os seus seguidores.

- Que contraste existe entre os discípulos e o mundo! O mundo alegrou-se quando os discípulos choraram, mas os discípulos veriam a Jesus novamente em 3 dias, e se alegrariam!

- A moderna antropologia revela que o deleite no sofrimento é um sinal próprio das civilizações selvagens e atrasadas, mas que o horror pelo sofrimento alheio, a simpatia pelos que sofrem, é característica das civilizações mais avançadas. O deleite das civilizações primitivas no sofrimento dos animais também se reflete no seu deleite ante o sofrimento humano. Tudo isso serve de prova da perversidade dos homens. Considerando as brutais guerras modernas e a atual desumanidade de homem contra homem, torna-se-nos evidente que a civilização não conseguiu progredir muito, moralmente falando, se usarmos como medida aquilatadora essa questão do regozijo no sofrimento alheio.

- Os valores do mundo são muitas vezes opostos aos valores de Deus. Isto pode fazer com que os cristãos se sintam como pessoas desajustadas. Porém, mesmo que a vida seja difícil agora, um dia nos alegraremos abundantemente. Mantenha seus olhos no futuro e nas promessas de Deus!

- A frase final deste versículo fala da alegria que os discípulos experimentarão: 1) na ressurreição (observar que eles não puderam sequer acreditar que estavam vendo Jesus "por causa da alegria" - Lc. 24.41); 2) a partir do recebimento do Espírito Santo; 3) na segunda vinda de Cristo.

- Não somente a alegria substituiria a tristeza, mas a alegria dos discípulos surgiria em meio à própria tristeza, pois a tristeza se transformaria em alegria.

- Uma das promessas especiais feitas pelo Senhor Jesus é a da plenitude da alegria, a qual é conferida, dentro da metáfora da videira e dos ramos, aos ramos que permanecerem nele (Jo. 15.11).

21 A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque é chegada a sua hora; mas, depois de ter dado à luz a criança, já se não lembra da aflição, pelo prazer de haver nascido um homem no mundo.

- Temos aqui uma ilustração sobre a tristeza e a alegria dos discípulos na Sua morte e ressurreição, como fica claro no próximo versículo. A alegria estará com eles como está com a mulher que dá à luz um filho. Depois que o nenê nasce, a agonia de dar à luz é esquecida.

- Os sofrimentos e a tristeza dos discípulos seriam tão intensos quanto a dor produzida pelo trabalho de parto. Seriam igualmente inevitáveis, assim como também não há remédio para a dor do trabalho de parto. Todavia, esses sofrimentos teriam um resultado altamente favorável, uma fruição na forma de elevadíssima alegria, tal como a mulher que dá à luz a seu filho se regozija, passada a aflição do parto. Esse júbilo seria tão intenso que obliteraria completamente toda a memória das aflições.

- Também se frisa aqui a ideia de que a tristeza seria subitamente transformada em alegria, tal como o trabalho de parto, uma vez terminado, alivia imediatamente todo o sofrimento da mãe.

- Finalmente, essa alegria produzirá a vida eterna como seu resultado, em um triunfo completo sobre as forças do mal, que são inimigas de Cristo, porquanto em sua segunda vinda ele nos brindará com o pleno gozo da vida eterna, estabelecerá o estado eterno entre os crentes e triunfará sobre todos os seus adversários.

- Como diz Paulo: "Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada" (Rm. 8.18).

- Aflição, de acordo com os dicionários, é o estado daquele que está aflito, é o sentimento de persistente dor física ou moral; ânsia, agonia, angústia, profundo sofrimento. Vem da palavra latina *afflictio-onis*, cujo significado é aflição, inquietação, opressão. A raiz da palavra é *flig*, que tem o sentido de bater, chocar, golpear, mostrando que toda aflição é um golpe, um ataque, algo que abala a estabilidade de alguém.

- Na maior parte das vezes, no Antigo Testamento, a palavra "aflição" é tradução da palavra hebraica *oniy*, cujo significado é "problema, pobreza, miséria". Já o plural "aflições", nas duas vezes que aparece no Antigo Testamento, é tradução, em Sl. 34.19, de *ra*, cujo significado é "mal, maligno, adversidade" (também traduzido por aflição em outras passagens, como Sl. 107.39), e, em Sl. 132.1, de *anah*, cujo significado é "aquilo que abate, humilha, intimida, amedronta" (em Hc. 3.7 há uma variação desta palavra traduzida por "aflição", a saber, *aven*). Notamos, pois, que, no Antigo Testamento, a ideia de aflição está vinculada precisamente à ideia de um confronto, de uma oposição, de algo que se põe contra alguém e que lhe traz abatimento, opressão e adversidade.

- No Novo Testamento, as palavras "aflição" e "aflições" são traduções de duas palavras gregas. A primeira, usada, por exemplo, em Mt. 24.21 e Jo. 16.33, é *thlipsis*, cujo significado é de "tribulação, aquilo que mói, que tritura". A outra é *pathema*, usada, por exemplo, em Rm. 8.18, com algumas variações, cujo significado é "sofrimento". Ambas as palavras falam-nos, pois de algo que se apresenta contra cada um de nós, que nos constrange, que nos abate, que nos faz sofrer.

- Na analogia deste versículo, pode-se ver ainda o nascimento da igreja, pois foi através de grandes sofrimentos que a igreja veio finalmente à existência. Esse sentido inclui a ideia de que todo o crente é resultado das dores de parto e dos sofrimentos de Cristo Jesus.

- Dessa forma, os discípulos deveriam alegrar-se de modo especialíssimo, por estarem inteirados dessas verdades ensinadas pelo Senhor Jesus, posto que elas lhes asseguravam a alegria e a vitória finais.

22 Assim também vós, agora, na verdade, tendes tristeza; mas outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria, ninguém vo-la tirará.

-Embora este versículo e os dois próximos não estejam em nossa leitura diária, optamos por incluí-los nestes comentários para dar uma visão mais completa do estudo.

- A presença de Jesus aqui referida ("vos verei") vai além de sua aparição pós-ressurreição. Jesus os vê por ser Ele divino, mas o faz mais através do Espírito. Eles o experimentarão pelo Espírito no coração, o lugar onde Deus está e reina.

- Este versículo contém essencialmente os mesmos elementos do versículo anterior, embora enfatize os seguintes pontos: 1) a subtaneidade da tristeza transformada em alegria, tal como uma mulher em trabalho de parto é repentinamente aliviada de sua aflição, uma vez completado o nascimento do nenê; 2) a própria causa da tristeza (a separação entre Jesus e os discípulos, devido à morte do Senhor) seria a fonte de júbilo, porquanto através dessa morte Deus traz de volta para si mesmo os homens que se tinham desviado no pecado, perdoando-os e restaurando-os; 3) a alegria dos discípulos lhes foi conferida como recompensa pela sua profunda tristeza e angústia, já que os seguidores de Jesus não se regozijaram com sua morte, a exemplo do mundo (v. 20), mas participaram de toda a angústia própria dos acontecimentos da cruz; ciente disso, e sabendo que eram discípulos autênticos e honestos, Deus lhes deu aquela suprema alegria de verem o Senhor Jesus vivo novamente; e mediante o Espírito Santo, essa alegria foi levada a uma fruição ainda mas pura (Jo. 15.11); 4) essa alegria do Espírito é produzida pela prática do morrer diário juntamente com Cristo para a carne, para o mundo e para o pecado, o que provoca uma cada vez mais profunda transformação moral, que dará como fruto a participação na própria natureza divina moral (Mt. 5.48; Rm. 6); esse morrer para o mundo produz no crente a plenitude da alegria, porquanto é através desse exercício constante da alma que o crente vai gradualmente entrando na vida e na expressão próprias das regiões celestiais, sendo essa a nova vida que está em Cristo (Cl. 3.1); essa nova vida consiste na vida ressurreta de Cristo, a experiência de coisas superiores, pertencentes ao nível espiritual onde o Senhor se encontra; 5) essa alegria, em forma ainda mais completa e

perfeita, será trazida para os crentes quando o Salvador retornar corporalmente à Terra, por ocasião de seu segundo advento, dando início nos homens a uma nova transformação na maneira de existirem, uma nova fruição dos planos de Deus nas vidas dos remidos; nesse momento é que os discípulos de Cristo verão novamente ao Senhor Jesus de maneira toda especial, o que foi prefigurado em suas aparições logo após a sua ressurreição, como concretização dessas aparições.

- São particularmente aludidas aqui as aparições do Senhor Jesus após a sua ressurreição, como algo que produziu intensa alegria nos corações dos discípulos; e essa alegria sobre a ressurreição seria impossível se Jesus não tivesse morrido em expiação por nossos pecados. A ressurreição de Cristo foi o selo de aprovação da expiação, tendo sido o meio pelo qual Cristo pôde oferecer aos homens o perdão dos pecados e a vida eterna, já que somente assim pôde ser garantida a participação deles nessas bênçãos eternas, uma vez que Cristo Jesus é as primícias da transformação de um ser humano em vida imortal. A hora da morte de Jesus foi, para os discípulos, a hora natalícia de uma vida nova.

- Na parte final do versículo ("e a vossa alegria, ninguém vo-la tirará"), temos a considerar que: 1) seria uma alegria permanente, visto ser divinamente conferida, que nenhuma criatura seria capaz de arrebatá-la dos discípulos; 2) sua permanência também dependeria dos eventos que haviam sido determinados por Deus de antemão, e os homens que agora participam de seus efeitos, fazem-no porque assim dita o destino de cada um deles, escolhidos como foram na pessoa de Cristo; 3) igualmente, essa permanência se vê no fato que chega aos remidos por meio das graças da redenção, que Deus outorga por intermédio de Cristo; 4) essa alegria dos discípulos é permanente porque resulta da obra do Espírito Santo no coração dos remidos, e Ele não falhará em sua tarefa (Jo. 15.11).

- Cristo, portanto, pregava uma ética eudemonística, ou seja, uma ética cujo alvo é a felicidade. A tristeza pode fazer sua negra intervenção, e é realmente impossível que isso não aconteça, mas o Senhor Jesus garante-nos a vitória final. A promessa da alegria, que nos fez o Senhor Jesus, é uma promessa que a própria bondade, a própria virtude, necessariamente inclui a alegria.

- Fazendo violento contraste com tudo isso, o pecado produz os seus próprios males e as suas misérias. Por isso é que Milton (*Paraíso perdido*, livro IV, 1.69) descreveu Satanás como se o tivesse ouvido dizer: "Para onde quer que eu voe, é inferno; eu mesmo sou o inferno". Nas Escrituras e na vida diária também aprendemos que o mal produz necessariamente a tristeza, embora um indivíduo qualquer, em sua experiência, possa iludir-se por algum tempo, não chegando a perceber essa verdade.

23 E, naquele dia, nada me perguntareis. Na verdade, na verdade vos digo que tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há de dar.

- "Aquele dia" é o dia da volta de Cristo ao Pai. Alguns têm conjecturado que o período em que os discípulos nada haveriam de indagar de Cristo seria o tempo do ministério do divino *paráclitos*, ou seja, o tempo da graça, pois então, estando o Senhor Jesus fisicamente ausente, ser-lhes-ia impossível fazer-lhe qualquer pergunta. O Espírito Santo é quem seria o mestre e o esclarecedor de todas as perguntas feitas pelos discípulos. Embora seja esta uma interpretação possível, não nos parece a mais correta.

- Alguns pensam que essas palavras ("naquele dia") estão vinculadas ao tempo da ressurreição e aos ensinamentos ministrados por Cristo após a sua ressurreição e antes de sua ascensão, o que pode ser considerado parcialmente verdadeiro, na medida em que foi nessa oportunidade que tiveram início esses novos ensinamentos. Porém, o começo mais definido desses novos ensinamentos pode ser apontado como o dia de Pentecoste, quando o Espírito Santo foi derramado com toda a plenitude sobre a igreja cristã, ficando subentendida toda a atual dispensação da graça, porquanto este é o período em que o Espírito Santo está operando na posição de representante de Jesus Cristo. Também fica subentendida a *parousia*, isto é, a segunda vinda de Cristo, o tempo da mais ampla fruição do Espírito, porquanto esse acontecimento assinalará um importantíssimo avanço no conhecimento dos discípulos. Todavia, a ideia central é o ministério do Espírito Santo, antes disso.

- O maior de todos os períodos de aprendizado espiritual será a eternidade, quando, sem as limitações impostas pelo corpo mortal, em seu estado exaltado, a alma remida será capaz de compreender mais fácil e

prontamente as lições divinas acerca da natureza de Deus e das realidades celestiais. Esse período de aprendizado será também um dia de elevadíssimo desenvolvimento espiritual, uma vez que serão removidas as limitações naturais da carne e da mortalidade. Não devemos encarar a eternidade como uma fase de estagnação espiritual, porquanto não há limites para o quanto uma pessoa possa vir a aprender de Deus Pai, crescendo continuamente e sempre participando de suas infinitas perfeições. De fato, o alvo mesmo da existência parece ser esse contínuo vir a conhecer e a experimentar a natureza do Pai. Neste mundo, obtemos esse conhecimento e experiência de modo extremamente imperfeito; mas haveremos de obtê-lo de modo mais perfeito no futuro. E parece não haver fim das possibilidades nesse sentido, porquanto Deus é infinito, e sem dúvida não haverá como chegarmos ao ponto final dessa celestial atividade.

- A expressão "nada me perguntareis" não pode ser tomada em sentido absoluto, pois os discípulos pediram informações de Cristo, após a sua ressurreição (Jo. 21). Seu sentido é relativo, significando que já teriam passado do período do discipulado imaturo, quando todas as afirmativas feitas por Cristo lhes pareciam difíceis de entender e assimilar, sempre exigindo alguma explicação especial. Portanto, eles não fariam mais indagações impetuosas, estúpidas, imaturas, que só demonstravam ignorância, e nem mais continuariam perplexos ante as profundas instruções e explicações dadas por Cristo. Pelo contrário, entrariam em uma fase de elevada iluminação, estado no qual as suas perguntas seriam inteligentes e significativas, estado condicionado pelo ministério contínuo do Espírito Santo, que é o grande Mestre que permanece com os crentes. Ele, pois, daria instruções apropriadas a todas as necessidades dos discípulos.

- Há uma outra interpretação possível para este trecho, afirmando que ficaria mais claro se traduzíssemos "não fareis pedidos", em lugar de "nada me perguntareis", o que é possível segundo o original grego e também conforme com o contexto deste capítulo (sendo que o contexto do capítulo não exclui também a interpretação literal, já que aqui também se fala das várias indagações feitas pelos discípulos acerca da Sua ida para o Pai). Isso faria com que tais palavras sejam uma referência à oração, pois daí por diante os crentes orariam ao Pai, já que seria impossível fazer solicitações diretas a Jesus, que em breve se ausentaria do mundo. Não obstante, essas orações, dirigidas ao Pai, seriam feitas em nome de Cristo Jesus. Essa interpretação se coaduna bem com o resto do versículo, que menciona especificamente a oração a ser oferecida a Deus Pai, pelo que também alguns estudiosos têm dado preferência a essa interpretação. A verdade, entretanto, é que ambas as interpretações são possíveis, do ponto de vista da gramática e dos usos gregos, e também em atenção ao contexto.

- Temos aqui uma "nova lei da oração": a oração em nome de Jesus. A partir de então, os discípulos não deveriam mais pedir a Ele, mas ao Pai, em nome dEle. Ressalta-se, assim, a doutrina da "procuração em favor dos crentes" e ensina a representação nas questões divinas. A procuração é o instrumento do contrato de mandato, em que uma pessoa autoriza outra a exercer alguns poderes em nome do mandante. O procurador pode agir com toda a autoridade dentro dos limites do mandato, como se fosse aquele que lhe concedeu tal autoridade. Todos os crentes possuem direito de usar o nome de Jesus na salvação (Mt. 1.21; At. 4.12), no batismo (Mt. 28.19; At. 8.16), no relacionamento (Mt. 18.5; Lc. 9.48), na adoração (Mt. 18.20; 1Co. 1.10), nas boas obras (Mc. 9.41), no combate (Mc. 16.17; Lc. 10.17), na pregação (Lc. 24.47; At. 8.12), na cura (Mc. 16.18; At. 3.6,16; Tg. 5.14-16), no julgamento (1Co. 5.1-5; At. 13.6-11; 2Ts. 3.6), na oração (Jo. 14.13-15; 15.16; 16.23-26), no louvor (Ef. 5.20; Hb. 13.15), no recebimento do Espírito Santo (Lc. 11.13; 24.49; Jo. 7.37-39; 14.26; At. 1.4-8), ao fazer as obras de Cristo (Mc. 16.17-20; Jo. 14.12-15) e, enfim, em todas as coisas (Cl. 3.17).

- Jesus ressalta que não há limitações ao que os crentes podem pedir ao Pai e receber dEle dentro das promessas.

- Contudo, o contexto é claro: "tudo" não é um cheque em branco. Jesus está exortando-os a pedir o Espírito; é Ele quem trará alegria. Jesus dará o Espírito, e eles o receberão. Ele dará a certeza de que Jesus está vivo, além de outras revelações, e a alegria deles estará completa. O Espírito lhes trará a presença do Pai e de Jesus. Isto visa Jo. 20.19-23, quando Jesus aparece aos discípulos às portas fechadas. Ele assopra sobre eles (ou seja, dá-lhes o Espírito), eles nascem de novo e a alegria brota de seus corações.

- Alguns dos manuscritos do texto original grego trazem neste versículo uma variante textual que afeta o sentido da parte final deste versículo, escrevendo "se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome", o que significa que essa doação seria feita em nome de Cristo, que Deus atenderia àqueles que

possuem a Cristo, que são discípulos dele, e não que a oração é oferecida em nome de Cristo. Porém, a versão que usamos do texto sagrado, além de presente na maioria dos manuscritos originais, também está em consonância com os textos de Jo. 14.13 e 15.7, de modo que é mais provável que aqui Jesus apenas tenha repetido aqueles ensinamentos já antes firmados. Ademais, o texto do versículo seguinte também corrobora este entendimento.

24 Até agora, nada pedistes em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria se cumpra.

- Jesus falava sobre um novo relacionamento entre o crente e Deus. No antigo pacto, as pessoas se aproximavam de Deus por intermédio dos sacerdotes. Depois da ressurreição de Jesus, qualquer crente poderia aproximar-se de Deus diretamente. Um novo dia amanheceu, e todos os crentes são sacerdotes, podem falar com Deus pessoalmente e diretamente (Hb. 10.19-23). Aproximamo-nos de Deus não por causa de nossos méritos, mas porque Jesus, nosso grande Sumo Sacerdote, tornou-nos aceitáveis a Deus.

- Convém notar que Jesus só ensinou a pedir ao Pai em Seu nome, jamais em nome de qualquer outra pessoa, nem os “santos”, nem Maria, nem qualquer outro. A orientação de Jesus foi para que os discípulos recorressem a Ele próprio, para que pudessem encontrar descanso (Mt. 11.28). Ao ensinar os discípulos a orar, Jesus disse: “Quando orardes dizei: Pai nosso, que estais nos céus” (Lc. 11.2). Portanto, temos acesso direto ao Pai, em nome de Jesus, sem necessidade de qualquer outro intercessor.

- A vida de oração abundante, que necessariamente se alicerça na prática obediente da Palavra de Deus, na observância dos mandamentos de Cristo e no andar no Espírito (mensagem de Jo. 15), tem por resultado inevitável a presença habitadora e permanente do Espírito Santo no íntimo do crente. Aquele que tem uma vida espiritual abundante, repleta do fruto do Espírito, é justamente o crente que já aprendeu como orar corretamente, o que testifica um resultado abundante de suas orações. Esse resultado extraordinário e transbordante da oração é realmente a fonte perene de alegria que enche a vida do crente. E tudo isso, mui simplesmente, consiste no resultado do andar no Espírito Santo. O Espírito de Deus ensina os homens a orarem como devem, a orarem pelo que devem orar; essas orações se centralizarão em torno das coisas espirituais, não visando primariamente o bem-estar físico do indivíduo, apesar da existência física também estar indiretamente inclusa nos cuidados que Deus exerce por nós, cuidados esses que também atingem as coisas materiais.

- O homem espiritual, todavia, em todas as suas expressões, exibe uma sensibilidade especial para com os apelos e anelos do Espírito Santo, estando supremamente interessado no progresso do reino espiritual de Cristo, na salvação dos seus semelhantes e em seu próprio desenvolvimento espiritual, o que, em última análise, consiste na transformação ética e metafísica de seu ser segundo a imagem de Cristo. Portanto, tal crente ora em prol dessas bênçãos, sempre procurando esvaziar-se dos elementos egoístas e deletérios de sua vida, não tendo prazer em orar por aquelas coisas que não têm utilidade espiritual ou não visam o bem-estar espiritual dos outros.

- Assim agindo, o crente segue a vontade de Deus. E é essa forma de oração que Deus responde com riqueza. São as orações verdadeiramente feitas em nome de Cristo, nome esse que não deve ser acrescido às nossas orações como mero apêndice litúrgico; pelo contrário, o nome de Cristo expressa a ideia de que aquele que ora está em Cristo, goza de comunhão com Ele, foi regenerado por Ele, e espera por Ele da glória celeste. E então Deus Pai concede ao crente as orações por ele feitas em nome de Jesus Cristo; e os benefícios espirituais desejados lhes serão outorgados por estar ele em união espiritual com o Senhor Jesus. Tudo isso reverbera na forma de alegria na vida do crente, pois a alegria é uma companheira necessária da retidão (v. 22, supra).

- Alguns fatos importantes a considerar a respeito da oração: 1) a oração abre o caminho de acesso ao Pai, a fonte de todo o bem-estar (Hb. 4.16); 2) a oração é ajudada pelo Espírito (2Ts. 3.5) e isso através de Cristo (Ef. 2.18); 3) ela ajuda os homens a atingirem seus destinos, mediante o cumprimento de suas respectivas missões (Cl. 4.2-4); 4) a oração é um ato de criação, pois pode alterar tanto as pessoas quanto as circunstâncias; 5) Jesus deixou o exemplo: Ele vivia em constante oração (Mt. 14.23); 6) a oração é um meio de crescimento espiritual, pois ela existe não meramente para pedirmos coisas, mas por si mesma é um exercício das verdades espirituais, contidas nos documentos sagrados, a meditação, que é a irmã gêmea da

oração, o viver diário segundo a lei do amor e das boas obras, a santificação, e o uso dos dons espirituais; 7) neste versículo, a alegria é o benefício central que resulta da oração.

25 Disse-vos isso por parábolas; chega, porém, a hora em que vos não falarei mais por parábolas, mas abertamente vos falarei acerca do Pai.

- Parábolas, neste verso e no v. 29, é *paroimia* (alegoria, figura), no original grego, e não *parabole*, comumente empregada nos Evangelhos. Em João, esta palavra diz respeito à linguagem semelhante à parábola, que é difícil de entender. Neste sentido, é similar ao uso de parábolas nos outros Evangelhos. Os ouvintes, inclusive os discípulos de Jesus, muitas vezes não o entendem.

- É o mesmo termo usado em Jo. 10.6, embora tenha uma significação mais lata, incluindo a ideia de qualquer figura de linguagem, provérbio ou declaração enigmática. Assim, até mesmo a expressão "um pouco", muito repetida nos versículos 16 a 19 deste capítulo, bem como a afirmativa "vou para o Pai" (v. 16), ou mesmo a ilustração da mulher em trabalho de parto (v. 21) estariam inclusas nessa ideia, porquanto os discípulos só poderiam acolher tais asseverações como declarações de natureza enigmática, como coisas indiretamente referidas, expressas nebulosamente. Naturalmente, para nós, colocados no ponto vantajoso de séculos de estudo e interpretação, além de já termos visto o ponto seguinte da história, essas declarações perderam o seu sentido enigmático; mas, para os discípulos originais, as dificuldades eram bem reais.

- O termo *paroimia*, em João, refere-se ao conteúdo e linguagem que vêm dos lábios de Jesus, e que as pessoas estão espiritualmente despreparadas para receber. Neste caso, os discípulos recebem *insight* que vem da obra de Jesus durante a semana da paixão. A capacidade deles lhes permitirá entender completamente quando o Espírito for dado em Jo. 20.19-23. A dificuldade que eles têm em entender surge não do tipo de linguagem ou de seu conteúdo, mas indica falta de capacidade espiritual.

- Essas parábolas iriam assumindo um valor sempre crescente, à medida que os homens começassem a penetrar em sua real significação; e nelas se iria descobrindo significações sempre novas. Não obstante, chegaria o tempo em que os ensinamentos de Cristo tornar-se-iam perfeitamente claros, e não contidos em enigmáticas figuras de linguagem. Assim é que, na doutrina que circunda a pessoa de Jesus Cristo, bem como nas demais doutrinas que Cristo legou aos remidos, encontramos grande variedade de expressões e de apresentações, que nos enriquecem o entendimento e aumentam o conteúdo daquelas doutrinas, embora, para cada crente individual, seja necessário algum tempo para que todo esse sentido se torne evidente.

- A linguagem humana inteira não passa de uma espécie de parábola ou de transmissão de ideias por meio de figuras simbólicas; por isso, as verdades de Deus que chegam até nós estão limitadas em sua expressão, por terem de ser comunicadas através da linguagem. Esse débil meio de comunicação é, portanto, contrastado com o ensino que o Espírito Santo ministra no coração dos remidos.

- A expressão "chega...a hora", ou equivalente, aparece com frequência no Evangelho de João (Jo. 4.21,23 e 5.28). Aqui, refere-se "àquele dia", referido nos versos 23 e 26.

- Naquele tempo Ele estará presente com os discípulos na pessoa do Advogado e não mais necessitará de parábolas ou palavras; mas, na profundidade dos seus espíritos Ele haverá de transmitir-lhes, com toda a plenitude, a verdade eterna de Deus Pai. Esse ensino no íntimo, por ser uma transmissão verdadeira da natureza e da vida divinas, traz consigo não somente a oração feita em nome de Jesus, mas também o livre acesso ao próprio Pai.

- A promessa é que a reserva imposta por uma história que ainda não terminou, devido às manifestações da carne, devido à incapacidade dos seus ouvintes, e devido à educação dos mesmos, que é apenas gradual, será a seu tempo substituída por uma informação clara, plena, sem quaisquer restrições, apropriada a criar, naqueles que a recebem, aquela plena certeza do entendimento que contibui tão decisivamente para a plena certeza da fé.

26 Naquele dia, pedireis em meu nome, e não vos digo que eu rogarei por vós ao Pai,

- Ver as notas sobre o versículo 23, supra, para compreensão da parte inicial deste versículo.

- O ministério do Espírito Santo produziria como resultado um conhecimento mais completo sobre a pessoa do Pai, bem como sobre as coisas e alvos celestiais. Igualmente resultaria em uma vida de oração mais plena e significativa, quando o crente começasse a conhecer e solicitar aquelas coisas que estão de conformidade com o plano divino e a glória de Deus, isto é, quando começasse a participar ativamente da obra do Pai, através da influência do Espírito Santo. Isso, por sua vez, redundaria em uma nova e transformada vida de oração. Quanto maior o conhecimento, mais será a oração feita em nome de Jesus. Essa aproximação do Pai, por intermédio de Cristo, será a característica principal do elevado estado dos discípulos, sob a dispensação do Espírito.

- Dessa maneira, orar em nome de Cristo, através do poder do Espírito Santo é uma consequência natural do conhecimento crescente que os discípulos têm de Deus Pai. Observemos, portanto, que assim como a paz é um dom do Espírito, como operação do Espírito de Deus no íntimo (Jo. 14.27), assim como a alegria é, igualmente, fruto da operação do Espírito Santo no coração do crente (Jo. 15.11) e assim como o amor vem da mesma origem e pertence à mesma categoria de coisas (Jo. 15.9-10), assim também a vida de oração intensificada é tão-somente o resultado necessário da operação transformadora do Espírito Santo no íntimo do crente. Por conseguinte, a vida do crente que se mostra débil na oração, que não busca a vontade de Deus Pai e nem sente grande urgência para fazê-lo, é uma vida que não está sendo substancialmente transformada no íntimo pela atuação do Espírito Santo. Por outro lado, a vida de oração intensa e fervorosa é uma evidência certa das influências do Espírito.

- Jesus nem mesmo precisará rogar ao Pai por nós, pois o mesmo Pai nos ama (v. 27, infra) e nos fará bem mesmo sem os rogos do Filho. Isto não significa, entretanto, uma declaração absoluta de que Jesus se retiraria no período do ministério do Espírito Santo, em que o divino *paracleto* seria o principal advogado. Em 1Jo 2.1 está dito que "se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo". Paulo também menciona essa faceta da obra de Cristo, que ele agora assumiu em favor de seus irmãos (Rm. 8.34). O mesmo se encontra em Hb. 7.25. O Senhor Jesus estava acostumado a orar em prol dos seus discípulos, segundo se vê em trechos bíblicos como Is. 53.12, Lc. 22.32, 23.34, Jo. 14.16 e 17.9,15,24. E certamente esse ministério não chegou ao seu final quando o Senhor Jesus foi transportado para os lugares celestiais por ocasião de sua ascensão à glória.

- Em determinado sentido, pois, temos nestas palavras a ideia implícita de que os discípulos não necessitavam de algum intermediário a fim de chegarem a Deus Pai com as suas orações, porquanto podiam orar diretamente, com a ajuda do Espírito Santo. Isso, todavia, não nega de maneira alguma que ainda retinham em seu favor o grande Advogado nos céus, o Senhor Jesus Cristo, o justo (1Jo. 2.1), tão-somente eles mesmos podiam agora, diretamente, dirigir-se em suas orações ao Pai, em nome de Cristo, porque foi justamente o Senhor Jesus que outorgou aos discípulos o privilégio novo do acesso direto a Deus Pai.

- A mediação, portanto, é mostrada como algo que sempre anda conjugada com uma maior aproximação direta; e isso descreve a natureza superior das relações que prevalecem entre os crentes e Deus Pai, agora que o acesso até ele foi franqueado por intermédio de Cristo Jesus, a fim de que os crentes possam chegar-se diretamente ao Pai, sem terem de depender tão-somente de um intercessor, a fim de serem ouvidos e atendidos por Deus.

- Dessa maneira, vê-se que a mera reconciliação avança na direção à santificação, comunhão e transformação do crente à imagem de Cristo, de tal modo que aqueles que assim estiverem sendo transformados possam chegar diretamente à presença do Pai, tal como Cristo Jesus foi diretamente a ele. E, por esse meio, os crentes podem esperar uma nova eficácia na vida de oração. Por outro lado, mediante as respostas assim obtidas, os crentes reconhecerão que o próprio Pai os ama, da mesma forma que ama o Irmão mais velho, o Senhor Jesus.

- Alguns pensam que essas palavras significam que Ele não cessaria nesse ministério de intercessão, como se estivesse dizendo "nem preciso dizer-vos que continuarei a ser o vosso intercessor, porque já vos dei tantas provas de meu amor que não podeis de forma alguma duvidar disso", ou "que orarei ao Pai em favor de vós é

apenas natural, acerca do que nem preciso falar-vos". Não é, entretanto, esse o sentido que transparece do texto.

27 pois o mesmo Pai vos ama, visto como vós me amastes e crestes que saí de Deus.

- Embora o Pai ame a todas as pessoas (Jo. 3.16), é natural que Ele tenha um amor especial por aqueles que amaram e creram em Cristo. Nosso amor por Cristo leva o Pai a nos amar. Amor corresponde ao amor.

- É fora de dúvida que Deus ama a todos, pois Ele é amor. E Deus não pode negar a Si mesmo, ou ser falso para com Sua própria natureza. "Deus amou o mundo de tal maneira", este louco, difícil e impossível mundo. Deus nos ama até mesmo quando estávamos mortos em nossos delitos e pecados, quando certamente éramos mais indignos de afeto. Contudo, Deus tem uma afeição particular por aqueles que amam a Jesus Cristo e a tudo quanto Cristo representa, os quais são atraídos para Ele e que desfrutem de Comunhão com Ele.

- Agora os crentes têm a possibilidade de se aproximarem do Pai diretamente, mediante suas orações, tal como Cristo também se avizinhava do Pai, porque o Pai os ama, tal como amava ao Seu próprio Filho, já que são filhos que estão sendo transformados segundo a imagem do Filho de Deus. Isso os discípulos haviam provado demonstrando o amor que votavam a Cristo, enquanto Jesus estava na companhia deles, crescendo sempre numa santa comunhão com Ele e sempre mostrando cada vez maior confiança nEle, entregando-se aos Seus cuidados, pela fé.

- Devemos observar, neste ponto, que essa fé é demonstrada particularmente no alívio, isto é, no fato de que Deus Pai enviara Deus Filho a este mundo com o propósito de que Ele cumprisse a Sua missão messiânica. O elemento mais destacado, que comprova a incredulidade dos judeus e do ímpio mundo gentílico, foi a falta dessa fé no caráter messiânico e na missão divina do Senhor Jesus. Essa fé tem muitas implicações referentes à identidade do Senhor Jesus, atingindo também a natureza de Sua pessoa e de Sua obra.

- O fato de que Deus Pai enviou o Filho ao mundo implica a Sua preexistência; a Sua missão divina e messiânica, que visou a redenção do homem; a Sua união com o Pai; a Sua autoridade, recebida da parte do Pai; o fato de que Cristo é o representante das regiões celestes, o que é um tema frequentemente reiterado neste Evangelho de João, figurando em mais de 40 versículos diferentes. Por isso, a fé nessa declaração bíblica de que o Filho veio da parte do Pai subentende a fé nos seus elementos essenciais da cristologia cristã, sendo essa, precisamente, a fé ausente no meio do povo de Israel. Porém, aqueles que exercem tal fé em Cristo são amados por Deus Pai.

- O outro tema principal deste versículo é o amor mútuo que prevalece na família divina, o que é assunto igualmente bastante enfatizado neste Evangelho (Jo. 3.16, 13.34-45, 14.21,23, 15.9-10 e 17.23). O amor de Deus Pai para com Deus Filho, por semelhante modo, é um tema característico do Evangelho de João, conforme se vê em Jo. 3.35, 5.20, 10.17, 15.9-10 e 17.23,24,26.

- O amor é o grande princípio que resplandece por detrás do envio de Deus Filho ao mundo por parte de Deus Pai, a fim de que pudesse ser resgatado este mundo perdido no pecado (Jo. 3.16). O amor é o mandamento que até agora deve governar todas as ações da igreja cristã, as relações entre os irmãos na fé e a vida particular de todos os verdadeiros seguidores de Cristo (Jo. 13.34,35).

- Na família divina, pois, esse amor é mútuo, e o Pai ama os filhos que estão sendo conduzidos à glória, da mesma maneira que também ama o Seu Filho querido. Por essa razão, tudo quanto pertence a Deus Pai Ele transmite a Deus Filho e, em seguida, aos seus filhos adotivos, o que é o grande tema de Jo. 16.15. Em Jo. 17.23 se declara, em termos bem definidos, que o mesmo amor que Deus Pai tem por Deus Filho é extensivo aos filhos, o que subentende o mesmo grau e categoria de amor.

- Nos crentes, esse amor faz parte do fruto do Espírito (Gl. 5.22), o que significa que é resultante da transformação do crente no íntimo. Aquele que ama verdadeiramente é o crente que mais se assemelha a Deus, porque Deus é amor (1Jo. 4.16).

- A comunhão na família divina é igualmente uma transmissão da essencial natureza de amor que pertence a Deus, o que não se trata de mera emoção arrebatada, conforme os homens estão acostumados a pensar que é o amor, mas, antes, consiste em uma comunhão ética, resultante da transformação ética no íntimo, em que o crente vai assumindo cada vez mais a própria natureza de Deus.

- O amor tem atitudes essencialmente altruístas, porquanto dá de si mesmo, cuida dos outros, sendo mais puro quando não procura qualquer vantagem pessoal ou recompensa da parte do ente assim amado.

- Amar também beneficia aquele que ama. Ninguém jamais chegará à presença de Deus, a menos que se incline sobre o braço daquele a quem ajudara.

- O amor é prova de espiritualidade, e não pode existir sem a regeneração (1Jo. 4.7). Deus vem habitar com aquele que aprendeu a amar ao próximo (1Jo. 4.12).

- O amor de Deus flui diretamente para os homens devido ao que Cristo fez, tal como sucede a todas as outras bênçãos em Cristo (Ef. 1.6).

- O Espírito enriquece a vida do homem que aprende a amar, pois o amor é o solo onde medram todas as bênçãos e virtudes espirituais (Gl. 5.22). Este versículo frisa a verdade de que o amor existe realmente, quando os homens acolhem a Cristo como o representante de Deus, e nele encontram a vida. Aquele que recebe a Cristo e o ama, por sua vez, é amado por Deus.

28 Sai do Pai e vim ao mundo; outra vez, deixo o mundo e vou para o Pai.

- Cumprida que foi sua missão no mundo, era hora de Ele voltar para junto do Pai, onde sempre esteve.

29 Disseram-lhe os seus discípulos: Eis que, agora, falas abertamente e não dizes parábola alguma.

- Não havia mais para eles qualquer mistério; finalmente estavam compreendendo o que Jesus estava lhes querendo ensinar.

30 Agora, conhecemos que sabes tudo e não precisas de que alguém te interrogue. Por isso, cremos que saíste de Deus.

- Os discípulos criam nas palavras de Jesus porque estavam convencidos de que Ele sabia todas as coisas. Mas a fé dos discípulos estava somente no primeiro estágio em relação à grande fé que receberiam quando o Espírito Santo viesse habitar em cada um deles.

31 Respondeu-lhes Jesus: Credes, agora?

- Em algumas traduções, em lugar da interrogação, usa-se aqui uma exclamação, o que talvez denote melhor o sentido da frase de Jesus.

32 Eis que chega a hora, e já se aproxima, em que vós sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só, mas não estou só, porque o Pai está comigo.

- Jesus insiste aqui sobre um assunto que esteve presente desde o capítulo 14: Judas não seria o último a abandonar Jesus; quando a hora chegasse, os outros discípulos também fugiriam como ovelhas. Mas o Pai não

os abandonaria.

- A referência a deixá-lo só era uma profecia de que os discípulos se dispersariam depois que Jesus fosse preso, o que de fato ocorreu (Mc. 14.50).

- Como cristãos, devemos esperar contínua tensão em um mundo incrédulo que está fora de sintonia com Cristo, com suas Boas Novas e com o seu povo. Ao mesmo tempo, podemos esperar que nosso relacionamento com Cristo produza paz e conforto, porque estamos sintonizados com Ele.

- Podemos auferir daqui grande segurança do caráter do Pai: todos podem abandonar, mas Deus nunca abandona Seus filhos (Jo. 14.18).

33 Tenho-vos dito isso, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.

- Neste versículo Jesus resumiu tudo o que lhes havia dito naquela noite, reafirmou as recomendações e promessas descritas em Jo. 14.27-29 e 16.9-11. Ele disse aos seus discípulos para terem coragem. Apesar dos conflitos inevitáveis que enfrentariam, não estariam sozinhos. Jesus também não nos abandona em nossos conflitos. Se nos lembrarmos de que a vitória final já foi ganha, poderemos declarar a paz de Cristo nos tempos mais desagradáveis!

- Jesus foi muito claro ao dizer que, neste mundo, teríamos aflições. O Senhor poderia ter dito que, neste mundo, os salvos seriam abençoados, curados, batizados com o Espírito Santo. Mas, como Ele é a verdade, a única coisa que nos garantiu, com absoluta certeza e de modo geral, foi que os salvos teriam aflições. Nem todos são curados, nem todos são batizados com o Espírito Santo, mas certamente, desde o instante em que recebemos a Cristo como nosso Salvador, todos passamos a ter aflições neste mundo, visto que nos tornamos inimigos do mundo e amigos de Deus.

- Por isso o próprio Jesus disse que, quando tudo estivesse bem em nossas vidas, quando todos estivessem a dizer bem de nós, seria um momento para pararmos e refletirmos sobre a nossa vida espiritual, pois isto será um sinal de que as coisas não andam bem, visto que estaremos sendo tratados como os falsos profetas (Lc. 6.26).

- Não se trata de dizer que devemos desejar sofrer, que devemos ser masoquistas. Jesus disse que as aflições são inevitáveis, mas não disse que elas devem ser desejáveis. Ninguém deve gostar de sofrer, ninguém deve ter prazer na aflição, na angústia, no sofrimento, mas não devemos nos esquecer que, enquanto estivermos neste mundo, não podemos esperar senão aflições, angústias e sofrimentos. É uma realidade da qual não podemos escapar. Há um ditado popular que diz que, depois da tempestade, vem a bonança. Para o crente, contudo, como disse o Pr. Walter Marques de Melo, depois da tempestade, vem outra tempestade. Foi por isso que Paulo disse que a vida do cristão é "de fé em fé" (Rm. 1.17).

- Obviamente, este texto também não consagra uma "promessa" de Jesus de que teríamos aflições nesta vida. Trata-se de uma simples constatação, um aviso de algo que de fato viria a ocorrer. Jesus não desejou que tivéssemos aflições, mas sabia que isso ocorreria e nos avisou de antemão.

- Dizer que a salvação nos faz imunes a todo e qualquer sofrimento, como pregam os adeptos da teoria da prosperidade, é uma mentira e, como toda mentira, algo proveniente das hostes espirituais da maldade, cujo chefe é o próprio pai da mentira (Jo. 8.44). Somente ficaremos livres das aflições deste mundo quando nos encontrarmos com o Senhor nos ares, quando então, na glorificação, não mais teremos de sofrer. Entre tantos outros, o texto de Tg. 5.13-14 deixa bem claro que é possível que o crente passe por aflições: "Está alguém entre vós aflito? Ore. Está alguém contente? Cante louvores. Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungiendo-o com azeite em nome do Senhor".

- São inúmeros os exemplos na Bíblia de santos que sofreram aflições. Para ficarmos apenas com um texto, vejamos os exemplos citados em Hebreus: "uns foram torturados, não aceitando o seu livramento, para

alcançarem uma melhor ressurreição; e outros experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos a fio de espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados" (Hb. 11.35-37).

- Também não estamos afirmando que todas as aflições pelas quais passamos sejam necessariamente simples consequências do fato de sermos crentes. Há muitas aflições que podem ter causas diversas, inclusive podem ter sido causadas por condutas indevidas nossas mesmo. Se uma pessoa se alimenta mal, não dorme direito, não se agasalha no frio etc, ela poderá ficar doente, e isso não será uma aflição decorrente do fato de ela ser cristã, mas da sua conduta irregular. Se alguém vive chegando atrasado no emprego, não respeita seu chefe ou seus colegas de trabalho, não faz o que lhe mandam etc, ela poderá ser demitida e até ter dificuldades para conseguir novo emprego, e isso não será uma aflição decorrente do fato de ela ser cristã, mas da sua conduta imprópria. É por isso que Jesus disse, no sermão do monte, que seríamos bem-aventurados se fôssemos injuriados e perseguidos por pessoas que, **mentindo**, disserem mal contra nós por Sua causa (Mt. 5.11). Fica subentendido que, se o mundo nos persegue, nos injuria, fala mal de nós, mas por causas verdadeiras, por fatos que realmente cometemos, não seremos bem-aventurados.

- Ademais, temos também que compreender que, com o pecado, toda a terra se tornou maldita (Gn. 3.17-19), maldição esta que a criação geme, aguardando a sua redenção (Rm. 8.19-22), o que, entretanto, só ocorrerá no reino milenial de Cristo. Assim, não há como esperarmos que se construa um "paraíso terrestre", pois a terra se encontra maldita pelo pecado e, deste modo, não pode nos trazer benesses nem estar ao nosso lado em nosso embate espiritual. Pelo contrário, o próprio Deus pôs a terra como um adversário a se contrapor aos interesses humanos. Muitos desastres ocorridos (tsunamis, terremotos, quedas de prédios, acidentes de avião etc) atingem igualmente justos e injustos e são nada mais do que consequências da queda da humanidade como um todo, não sendo necessariamente consequências do pecado dos que foram atingidos pela tragédia. Veja-se, a propósito, o texto de Lc. 13.1-5, em que Jesus deixa claro que as tragédias nem sempre são fruto de pecados pessoais.

- Os crentes devem esperar o ódio do mundo porque: 1) Jesus previu (Jo. 15.18,21); 2) o mundo odeia a reprovção (Jo. 3.19); 3) os maus são expostos pela vida dos crentes (Rm. 12.2; Tt. 2.11-12); 4) sua escuridão é exposta pela luz dos crentes (Jo. 3.18-20; Fp. 2.15); 5) ele é cego (2Co. 4.4); 6) os crentes não fazem parte dele (Jo. 15.19; 17.14-16); 7) ele está em guerra contra os crentes (Jo. 16.33; Ef. 6.12; 1Jo. 5.4); 8) ele possui uma inimizada natural contra Deus (Tg. 4.4; Mt. 18.7); 9) os crentes abominam seus caminhos (1Jo. 2.15-17); 10) os crentes vivem segregados dele (Tg. 1.27; Rm. 12.2; 2Pe. 2.20); 11) ele ignora a experiência dos crentes (Gl. 2.20; 2Co 5.17); 12) ele ignora a Deus (Mt. 15.21).

- “Venci” aqui é tradução do grego *nikao*, com significado de “conquistei”. Esta palavra grega é usada 28 vezes no Novo Testamento, mas esta é a única vez em que João a emprega em seu evangelho. É, no entanto, usada 23 vezes em 1 João e no Apocalipse, traduzida como “vencer” na maioria delas (1Jo. 2.13,14; 4.4; 5.4,5; Ap. 2.7,11,17,26; 3.5,12,21; 11.7; 12.11; 13.7; 17.14; 21.7), “conquistar” (Ap. 6.2); “prevalecer” (Ap. 5.5) e “vitorioso” (Ap. 15.2). Também é usada em Lc. 11.22 e Rm. 3.4 e 12.21.

- Este versículo também apresenta outro significado do título “Consolador”: “Advogado”. Jesus está falando aos discípulos com antecedência, para que eles tenham a certeza de sua posição com Deus - eles terão paz. O que é esta paz? Fundamentalmente, alude a uma relação nova e profunda entre o crente e Deus. Esta relação efetuou-se pela obra de Jesus ao expiar os pecados do mundo e prover justiça e reconciliação a um mundo que deu as costas a seu Criador. Onde a paz é encontrada também é salientado aqui: “em mim”. Paz em Cristo também se destaca nas cartas de Paulo, expressando estas verdades poderosas (Rm. 5).

- A expressão “tende bom ânimo” também fortalece este significado de “Consolador”. No meio do fracasso e pecado, o crente tem bom ânimo ao saber que tem um defensor para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo e Fiel (1Jo. 2.1-2). Com este lembrete e encorajamento, Jesus se volta para a sua oração sumo sacerdotal (Jo. 17).

- Em Jo. 14 a 16, o *parakletos*, também chamado o Espírito, vem do Pai e do Filho, mas através do Filho. Ele representa o Pai e o Filho para o mundo, especialmente para o crente. O mundo não pode e não o conhece, e, por conseguinte, não conhece o Pai e o Filho. Os crentes o conhecem, porque eles aceitam pela fé a obra expiatória de Jesus. O Espírito assumiu residência neles, que agora são chamados templo do Espírito.

- O Espírito não só vive nos crentes, mas os consola, ensina, informa, assegura e dirige. Por outro lado, o Espírito trabalha pelos crentes no mundo para trazê-lo a Jesus. Existem duas forças principais do *parakletos* em Jo. 14 a 16: nos crentes para regenerá-los e firmá-los, e pelos crentes, para testificar ao mundo que Deus providenciou uma solução para o pecado através do Filho. Embora não de maneira explícita, estas duas funções basilares são paralelas à obra do Espírito em Paulo e Lucas. O Evangelho de Lucas e o livro de Atos enfatizam mais explicitamente a segunda função - a capacitação para proclamar o evangelho ao mundo.

- O que daqui podemos extrair é que, embora as aflições sejam parte da vida cotidiana do crente, também podemos ter por certo que o Senhor nos livra de todas elas, com deusa claro o salmista Davi em Sl. 34.19 e como Paulo também deixou claro a Timóteo (2Tm. 3.11). Para tanto, é necessário, contudo, que permaneçamos firmes nos Seus caminhos (Sl. 119.153).

- Mas é importante observarmos que nem sempre Deus vai nos livrar DA aflição. Muitas vezes Ele nos livra NA aflição. Ou seja, é possível que venhamos a passar por dificuldades de várias ordens, e Deus não impeça isso, mas temos a garantia de que Ele sempre estará conosco nesses momentos. O importante é que, mesmo passando pelas aflições, não neguemos o nome do Senhor. Sejamos como Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que não afirmaram que não negariam o nome de Deus mesmo que Ele não os livrasse (Dn. 3.16-18). Devemos lembrar que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus (Rm. 8.28).

- Mas por que há necessidade de o crente passar por aflições? Deus não poderia nos livrar de todas elas? Certamente poderia. E por que não o faz? Em primeiro lugar, pelos motivos já aqui mencionados: as aflições são consequência do pecado da humanidade e da oposição entre Deus e Satanás. Mas também pode haver algum propósito especial na aflição dos justos; Deus pode permitir que um filho Seu passe por alguma aflição: 1) para aumentar a sua fé, como vemos no caso de Israel (Ex. 4.31); 2) para impedir a soberba, como no caso de Paulo (2Co. 12.7), ou do rei Davi (Sl. 132.1, escrito no auge espiritual do povo de Israel sob o reinado de Davi, no momento em que ele trazia de volta a arca), ou do rei Agur (Pv. 30.9); é por isso que Davi diz que foi bom ter sido afligido, para guardar a Palavra de Deus (Sl. 119.67,71); 3) para levar os homens ao arrependimento de seus pecados e à conversão (1Rs. 8.35; Sl. 25.18; 38.18); não se trata de dizer "se não vem pelo amor, vem pela dor", como alguns dizem; não é que Deus cause aflição para que a pessoa seja forçada a se converter; mas Deus pode entregar uma pessoa à própria sorte, deixando-a passar por dificuldades, para que ela enxergue que há um Deus que pode cuidar da sua vida; trata-se, portanto, de um ato do amor de Deus pelo pecador; 4) para nos desencantar com o mundo e introduzir o anelo pelo lar celestial; ao sofrermos neste mundo, deixamos de tê-lo como algo atraente, desejável, e começamos a entender que neste mundo não há nada de tão bom que nos permita trocá-lo por aquilo que o Senhor Jesus tem nos prometido; lembremos que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada (Rm. 8.18); exemplo disso temos na vida de José, que passou por muitas aflições no Egito (citadas até quando nominou seu filho - Gn. 41.52) para que, quando fosse governador, não desejasse aquela terra, a ponto de ter feito seus irmãos jurarem que levariam seus restos mortais para Canaã (Gn. 50.25); 5) para nos permitir desfrutar do consolo divino (2Co. 1.5-7); são as aflições que nos permitem experimentar que Jesus cumpriu a Sua promessa de não nos deixar órfãos (Jo. 14.18); 6) para sentirmos a humanidade de Cristo, o que nos é fundamental, pois é como homem que o Senhor Jesus é o nosso mediador diante do Pai (1Tm. 2.5); pelas aflições, experimentamos a Sua intercessão diante do Pai; 7) para termos autoridade ao ministrar na casa do Senhor; Pedro identificou o presbítero como aquele que era "testemunha das aflições de Cristo e participante da glória que se há de revelar" (1Pe. 5.1); um obreiro é, antes de mais nada, alguém que foi devidamente experimentado nas aflições, para, por meio delas, mostrar o seu testemunho, que se constituirá em sinal de sua autoridade diante dos irmãos; um obreiro que não foi experimentado nas aflições deste mundo, que não foi devidamente provado, para, então, ser aprovado, não serve para o ministério (1Tm. 3.10); 8) para desenvolvermos a nossa vigilância espiritual; são as aflições que nos permitem perceber que o maligno está a nos enfrentar, que estamos numa batalha espiritual e que, portanto, não podemos pestanejar, pois corremos o risco de sermos mortos; por isso Pedro recomenda que resistamos firmes na fé, sabendo que as aflições se cumprem entre os irmãos no mundo (2Pe. 5.9); 9) para fortalecermos a fé dos irmãos, pois, quando vemos um irmão suportar as adversidades com fidelidade e paciência, isto nos encoraja a seguirmos tal exemplo, como um fortificante espiritual, como os tessalonicenses produziram em Paulo (2Ts. 1.4).

- Deus instituiu a Páscoa justamente para que o povo de Israel rememorasse anualmente as aflições que eles passaram no Egito, de forma a não esquecerem do livramento que Deus lhes dera (Nm. 9.11; Dt. 16.3; 24.18,22). Na nova aliança não é diferente: a ceia do Senhor é um ato de comemoração da morte do Senhor, para lembrarmos de Suas aflições, que nos deram a salvação (Lc. 22.19; 1Co. 11.24-25). Ao passarmos por

aflições neste mundo, estaremos, portanto, em maior comunhão com Ele (Fp. 3.10; Cl. 1.24); ao sofrermos como Ele sofreu, temos o alento de que também seremos glorificados como Ele foi (Rm. 8.17). Por isso os apóstolos se regozijaram quando se viram dignos de sofrer afronta pelo nome de Jesus (At. 5.41), o que também ocorreu com Paulo (Cl. 1.24) e que deve ocorrer também conosco (1Pe. 4.13).

- Concluindo, que Deus tenha misericórdia de nós, para que não cheguemos à situação dos ninivitas, que, por sua grande impiedade, não seriam mais afligidos pelo Senhor (Na. 1.12). Compreendamos que as aflições que passamos são benefícios de Deus para as nossas vidas.

Referências bibliográficas:

- AKER, Benny C. **Comentário bíblico pentecostal: novo testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal**. Editora CPAD, 2003.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**, v. 2. Editora Hagnos, 2002.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **No mundo tereis aflições**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.
- BRAGA, Ismael. **No mundo tereis aflições**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.assembleiadedeus.org.br/>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.
- SILVA, Eliezer de Lira e. **Lições bíblicas: vencendo as aflições da vida - muitas são as aflições do justo, mas o Senhor o livra de todas**. Editora CPAD, 2012.